

PARA ALÉM DO PATOLÓGICO: CONCEPÇÕES PSICANALÍTICAS DIANTE DAS TRANSEXUALIDADES

Jefferson Ponte Cristo de Albuquerque
Centro de Atenção Psicossocial Antonia Lins Borba- Pedras de Fogo- PB.

Resumo: Entendendo que o ser humano se constrói para além da dimensão instintual, nem sempre seguimos caminhos biologicamente pré-determinados. Diante dessa perspectiva, a transexualidade é entendida como o desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo biológico oposto. Na tentativa de ampliar o entendimento da experiência transexual, este trabalho teve como objetivo dialogar com diferentes maneiras de pensar o fenômeno da transexualidade na clínica psicanalítica. Embora seja uma pesquisa bibliográfica, não se perde a conexão com a qualidade de vida dos sujeitos que vivenciam essa experiência. Concluiu-se que se faz necessário uma pluralidade teórica, que fundamente a escuta do sujeito transexual, já que a psicanálise nos permite o acesso a questões de complexidades variadas, por dispor de instrumentos de análise amplos, no que se refere às subjetividades do ser falante.

Palavras-chave: Transexualidade. Concepções psicanalíticas. Pluralidade teórica.

1 Introdução

A manifestação da sexualidade ao longo dos tempos nos traz reafirmações da complexidade dessa dimensão da vida humana. Como seres que estamos para além do instintual nem sempre seguimos caminhos óbvios ou biologicamente pré-determinados. Mesmo que elementos de nossa subjetividade advenham desse demarcador, percebemos manifestações que contradizem o que aparentemente já estaria posto. Diante dessa perspectiva, o fenômeno da transexualidade se apresenta como uma possível nova forma de subjetivação. Na tentativa de compreensão dessas formas de viver, diferentes percepções e concepções teóricas circulam no fazer profissional e no imaginário social.

Paulo Roberto Ceccarelli (2013) afirma que o sentimento de ser de outro sexo é seguramente tão antigo como qualquer outra expressão da sexualidade humana. O relato de personagens que se vestiam regularmente, ou até definitivamente, com atributos do gênero oposto permeiam a mitologia Greco-romana e passam pelas mais variadas fontes literárias e antropológicas.

No cenário da produção científica, a primeira divulgação dos casos de transexualidade, datadas a partir dos anos 50, esteve dentro das áreas de interesse da medicina, mais especificamente da Psiquiatria. Na visão médica ainda prevalece o entendimento de que os

sujeitos transexuais seriam portadores de um transtorno de identidade sexual.

Contrapondo alguns entendimentos da área médica, descrições atóricas e pouco reflexivas, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), no ano de 2015, lança campanha para o processo de despatologização das transexualidades. Esse movimento propõe uma crítica diante do preconceito e apartheid de gênero, possibilitando pensar as regras impostas por uma sociedade pautada em um funcionamento heteronormativo, repensando a colagem entre corpo, gênero e orientação sexual..

As diferentes narrativas teóricas com relação à experiência transexual nos permitem pensar que as pesquisas em Psicologia e Psicanálise não são definitivas. O fazer da clínica psicanalítica nos exige uma abertura para diferentes formas de pensar, construindo um diálogo plural com os sujeitos que vivenciam a transexualidade. Nesse sentido, este trabalho partiu da seguinte problemática: quais os diferentes entendimentos diante da transexualidade no campo da clínica psicanalítica?

Na tentativa de ampliar o entendimento da experiência transexual, o trabalho teve como objetivo dialogar com diferentes maneiras de pensar o fenômeno da transexualidade na clínica psicanalítica. Embora seja uma pesquisa bibliográfica, não se perde a conexão com a qualidade de vida dos sujeitos que vivenciam a complexidade dessa experiência. A dimensão ética, política e social da clínica se faz presente na tentativa de, não só teorizar, como também potencializar a voz daqueles que clamam por aceitação e solicitam nossa colaboração diante de um sofrer vivido na estranheza de si mesmo.

Respeitando os limites e o caráter de incompletude desse trabalho, vamos caminhar com diferentes formas de pensar a vivência transexual. Tentarei esboçar alguns entendimentos partindo de autores que teorizam sobre a transexualidade a partir dos escritos de Sigmund Freud, seguindo com o entendimento de Robert Stoller, citando os que situam a vivência transexual no rol das psicoses e, fazendo um diálogo com autores contemporâneos que percebem a transexualidade como uma forma de subjetivação que estaria para além do patológico.

2.1 Teria Sigmund Freud falado sobre a transexualidade?

Conforme aponta José Carlos Garcia (2001), a transexualidade não foi abordada pelo criador da Psicanálise, pelo menos não como uma situação clínica estabelecida. De acordo com as ideias do autor, buscar a transexualidade na obra de Freud seria pouco frutífero, afirmando que só bem recentemente a Psicanálise tem se dedicado com mais insistência a esse assunto.

Mesmo que Freud não tenha se detido ao estudo da transexualidade enquanto situação clínica estabelecida, é bem verdade que esse tema esteve de alguma forma presente em sua obra. Como exemplo disso, podemos citar um de seus mais importantes trabalhos, o caso Schreber..

No livro autobiográfico analisado por Freud, Schreber relata suas experiências psicóticas, o que permitiu a Freud desenvolver e aprimorar suas teorias a respeito da dinâmica da psicose, em especial da paranóia. O que isso teria a ver com a transexualidade dos dias de hoje? Garcia (2001) destaca que um dos aspectos mais importantes do delírio de Schreber é que ele ensinava sua transformação em mulher.

Havendo a possibilidade de pensar aproximações entre a construção delirante de Schreber e a experiência transexual, o referido autor nos lembra que Schreber acreditava que seu destino como mulher seria uma missão sagrada. Na condição de mulher, entregar-se-ia não mais às volúpias carnavais de um humano, o que incluiria a procriação de uma nova raça mediante a fecundação pelos raios divinos. Em certo momento de seu delírio, Schreber assume a plena condição de uma posição identificatória feminina, seu corpo é percebido por ele como transformado em um corpo feminino.

Penso que seja inviável dialogar com a transexualidade longe de questionamentos referentes à construção de gêneros, acredito até que essa questão seja primordial e central na construção de um pensar diante das experiências transexuais. Ceccarelli (2013) alerta para o fato de que não encontraremos o termo “gênero” na obra de Freud, pois, em alemão, uma só palavra designa sexo e gênero: *geschlecht*.

Ceccarelli (2013) visualizando uma consonância com as ideias de Freud, nos possibilita um pensar inicial diante da construção de gêneros, quando diz que a criança desde o seu nascimento, imersa em um universo cultural e discursivo, aceita, sem questionamentos, a existência do pai e da mãe, colocando-se de um lado ou de outro. No decorrer de seu desenvolvimento vai percebendo que as pessoas

utilizam vestimentas diferentes, fazem ou não determinadas coisas e, vão aprendendo que certas coisas podem fazer por serem meninos ou meninas. Existiria de algum modo uma classificação de gênero operada pelo discurso social.

As pessoas que vivem uma experiência transexual demonstram, através de seus relatos, o quanto é sofrido ter que corresponder a uma classificação social de gênero que tenha como base o determinismo biológico. Nesse sentido, João Nery, no seu livro autobiográfico *Viagem Solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*, nos fala:

Todos me viam como uma menina. Para mim, era um menino. Havia um abismo entre como me viam e como me sentia. Adorava brincadeiras consideradas de menino. Era reprovado. Gostava de me vestir como os garotos. Era ignorado. Meus sonhos era ser um super-herói, mais tarde casar com uma princesa e ser pai. Era incompreendido. As brincadeiras foram se limitando ao quintal da minha casa. Ali, estava mais reguardado e protegido, mas ainda não estava seguro. “Tome jeito, menina, parece um homem”! Isto não é maneira de se comportar”! “Uma mocinha não faz isso, não senta assim, não fala assado, não come assim, não olha assado! Não! Não! Não! (Nery, 2011, pp. 34-35).

Na tentativa de uma sintonia com o pensamento de Freud, Cecarelli (2013) escreve que a primeira distinção homem/mulher não levaria em conta a diversidade dos órgãos sexuais, não existindo, em um primeiro momento, a correspondência entre sexo anatômico e gênero. Em sua análise do entendimento de Freud existe uma distinção que começa em uma etapa anterior à castração, sem levar em conta a anatomia. O sexo anatômico não seria garantia, *a priori*, do gênero, são movimentos distintos que ocorrem em momentos diferentes: um, a distinção dos gêneros; outro, a diferença dos sexos.

Alguns relatos de pessoas que vivem a experiência da transexualidade podem nos ajudar a visualizar, que a identidade de gênero ocorra em um momento anterior ao entendimento da diferença anatômica entre os sexos. Quando existe a constatação de uma norma sociocultural que diz: homens têm pênis e mulheres têm vagina, se iniciaria a sensação de viver como inquilino no próprio corpo e, um imenso sofrer psíquico por não corresponder à referida norma. Para nos ajudar a pensar, Leticia Lanz, no seu autorrelato diz:

Na minha infância, tudo que eu sabia de mim era aquela necessidade incontrolável de fazer coisas que os adultos, imediatamente, repeliam e censuravam, dizendo tratar-se de “coisa de mulherzinha”. Sendo apenas uma criança, eu não entendia como podia ser censurada por coisas que eu fazia com tanta naturalidade, como se tivessem sido feitas sob medida para mim – ou eu para elas. Como se fossem parte de mim, e eu delas. Mas eu sentia um prazer enorme fazendo aquelas coisas, porque eu sabia,

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br

intuitivamente, que através delas eu conseguia expressar externamente a pessoa que eu sentia ser por dentro. Obrigada a ser e agir e como “homem”, tive que conter, desde muito cedo, a irresistível atração que eu sempre senti pelo universo feminino. Pouco a pouco fui entendendo, desolada, que só fêmeas biológicas, isto é, pessoas que nasciam com uma vagina, podiam ter acesso aquele mundo que me fascinava. E eu tinha nascido com um pênis (Lanz, 2015, Pag. 17-18).

Todas as tentativas de explicar a questão da diferença dos sexos, a partir de um sujeito que já é, *a priori*, menino ou menina, a quem se acrescentaria uma masculinidade ou uma feminilidade, demonstram um risco de invalidar todo esforço de Freud para separar o biológico do psicológico. Seria possível compreender que, em virtude das inúmeras variáveis que os sujeitos vivenciam na construção de sua psicosexualidade, a feminilidade, assim como a masculinidade, não coincida com a anatomia fruto de seu aparato biológico (Ceccarelli, 2013).

1.2 A Transexualidade na perspectiva de Robert Stoller

Na abordagem do problema que hoje chamamos de transexualidade, mais especificamente a transexualidade no menino, Stoller fez referências a manifestações bastante primitivas, desse sentimento discrepante entre a condição anatômica e a vivência psíquica de identidade de gênero. Em um primeiro momento de sua pesquisa, acreditava apenas na existência da transexualidade feminina. Na continuidade de seus estudos, foi também percebendo a manifestação da transexualidade masculina. Diante da grande extensão e magnitude do seu trabalho, tentarei resumir algumas de suas principais ideias.

Contrariando a terminologia originalmente utilizada por Stoller, no corpo do texto, quando me referir à transexualidade feminina, estarei fazendo menção aos casos onde o sujeito nasceu do sexo masculino e construiu sua identidade de gênero no pólo feminino. Preciso salientar que, atualmente, esse termo é mais usualmente utilizado, porém nos escritos de Stoller iremos encontrar transexualismo masculino, quando o mesmo se colocar diante desse tipo de experiência.

Stoller (1982), ao tentar colocar os aspectos etiológicos presentes na transexualidade feminina, parte do princípio de que essas crianças tiveram uma relação muito íntima e simbiótica com as suas mães. Essa relação não se romperia, nem mesmo pela presença do pai ou de outra criança. Essas crianças seriam verdadeiros falos da mãe, tendo o seu destino transexual traçado

bem cedo. A vida psíquica dessas mães estaria caracterizada por um vazio depressivo, nelas habitaria uma ausência de desejo. O ponto marcante da vida dessas crianças é a extrema adesividade de suas relações com a mãe.

Stoller (1982) sugere um estado de feminilidade primária para ambos os sexos, ao qual nomeou de profeminilidade. A masculinidade seria uma formação reativa frente a essa feminilidade primária, o que em virtude do que eu chamarei de “encapsulamento” mãe/bebê, não ocorreria com os transexuais femininos. A ideia do autor é que o menino deveria superar a identificação com sua mãe, a fim de alcançar a masculinidade. Em virtude da feminilidade primária, os homens estariam mais propensos aos problemas de identificação de gênero. Seria essa a explicação para um maior número de transexuais femininos?

Crianças transexuais não apresentam nenhuma alteração anatômica, são, sem sombra de dúvidas, biologicamente pertencentes ao sexo masculino (no caso de transexuais femininos), como também não apresentam alterações genéticas. Tais crianças, desde muito cedo, dão mostras de uma clara identificação feminina, revelada pela adoção de vestuário feminino e, de comportamentos que corresponderiam a uma inserção social no círculo feminino (Stoller, 1982).

De acordo com as ideias do referido autor, as crianças transexuais femininas apresentam fantasias de que seu corpo se transformará em um corpo de mulher, que os seios surgirão na puberdade e, que se verão livres do incômodo que é a presença do pênis. O horror da presença do pênis pode levar a comportamentos extremos, como à automutilação, por exemplo, o que mais tarde se transformaria em uma intervenção cirúrgica. É o que atualmente, conhecemos como cirurgia de redesignação sexual.

Pensemos diante da realidade de Amanda, mulher transexual, que no seu livro autobiográfico nos conta:

Com a adolescência chegando e o corpo mudando, tudo foi ficando mais triste. Eu fui me transformando cada vez mais em um menino. Eu olhava no espelho e via as formas masculinas ficando cada dia mais e mais evidentes, e queria morrer por causa disso. Eu era cada vez menos o que eu queria ser, desde pequena: uma mulher. Por exemplo, um pelinho que saía debaixo do braço, ou pior, no queixo, me deixava louca, eu ficava passada de raiva e tristeza. Eu me sentia presa dentro de um casulo, sabe? Por dentro, eu sentia que era uma menina, mas por fora, meu corpo jogava contra mim. Aquele que eu via no espelho não era eu. Eu negava, a todo custo, que tinha um pintinho! Queria morrer! Volta e meia eu pensava em pegar uma faca e cortar fora o safado, porque eu não ia usar mesmo. Eu nunca consegui imaginar fazer sexo desta forma.

NUNCA! (Amanda Guimarães, 2016. Pag. 29-30-40).

Embora as teorizações de Stoller sejam fundamentais para o entendimento da transexualidade, algumas críticas surgem diante de seu modelo teórico. Como sugerem Ethel Person e Lionel Ovesey (1999), a maioria de seus estudos mergulhou-se, mais profundamente, no entendimento da transexualidade feminina, o que cria uma lacuna considerável para a explicação do fenômeno transexual como um todo. Seu conceito de profeminilidade foi construído com base em seus estudos com transexuais, justificando esse quadro clínico, o que não poderia generalizar-se para todos os sujeitos não transexuais.

1.3 Interfaces entre transexualidade e psicose.

De acordo com Rodrigo Zanon Melo (2016) e Leonardo Leal Cunha (2016), o discurso patologizante acerca do fenômeno transexual se faz presente entre alguns autores de tradição Lacaniana, entre eles, Henry Frignet, M. Czermak, Caherine Millot e Joel Dor. A referência para pensar a transexualidade é fundamentalmente o modelo formulado por Freud, a partir das memórias de Schreber, desenvolvido em seguida por Lacan, com ênfase no mecanismo de forclusão do nome-do-pai. Para Cossi (2010) tal entendimento patologizante estaria em consonância com a compreensão de Stoller, que embora não percebesse na transexualidade uma psicose, compreenderia que, a não coerência entre sexo e gênero é patológica.

Com base no pensamento de Safouan (1979), Cossi (2010), relata que, a construção da identidade de gênero nas transexuais femininas, seria uma crença delirante de ser mulher. A simbiose estabelecida entre mãe e filho transexual, não ocorreria sem acarretar uma forclusão do nome-do-pai. O transexual psicótico efetivaria concretamente, através de uma intervenção cirúrgica, sua castração no real do corpo, já que sua castração simbólica lhe foi impossibilitada. O transexual cometeria um erro solicitando a ablação do seu órgão sexual, como se isso desse conta de uma função significante.

Para Contardo Calligares (1989) restaria para o sujeito transexual psicótico, na falta da metáfora paterna, metáfora neurótica, a construção de uma metáfora delirante, cuja função voltaria no real. A tentativa de uma intervenção no corpo funcionaria como uma inscrição no lado homem ou no lado mulher. O procedimento cirúrgico seria entendido como um delírio logrado. Nessa perspectiva de entendimento, o autor afirma:

No caso do transexualismo, ele logra a construção de uma metáfora de um tipo neurótico, no real mesmo. Ele vai pedir à instância paterna que volte no real de decidir sobre sua sexuação, homem ou mulher, no real. A operação transexual, neste ponto de vista, é um substituto logrado de uma metáfora paterna neurótica, mas com uma mudança de registro. O que para o neurótico é a significação sexuada obtida na filiação simbólica, torna-se aqui sexuação obtida numa operação cirúrgica. (Calligaris, 1989, Pag. 38)

Ceccarelli (2013), na discussão em torno da cirurgia de transgenitalização, e sua relação com a castração ocorrida no campo do real, afirma que essa solicitação não deve ser entendida como uma demanda de castração. Na verdade, é o discurso biomédico e heteronormativo que percebe, na transgenitalização, uma castração. Para os transexuais, seria antes da cirurgia que estariam privados (castrados) do que realmente deveriam ter. Nessa perspectiva, a reivindicação para livrar-se do pênis não parece ser uma forma de escapar, de negar a função fálica.

Para refletirmos um pouco mais sobre a experiência transexual, que não demanda intervenções cirúrgicas de transgenitalização, Santana (2015) relata que a maioria dos transexuais que se submetem à referida cirurgia, já possui um senso interno bem definido quanto ao seu pertencimento a um determinado gênero. A transexualidade não significa negação da castração, mas a não identificação com o sexo de nascimento. No momento em que o sujeito passa a aceitar o sexo com o qual se identifica, o problema passa a ser do outro e não mais dele.

Ao questionar a transexualidade como um movimento psicótico, Ceccarelli (2013) nos fala que, situar a transexualidade no registro da psicose seria um equívoco de consequências pesadas. Argumentar que a cirurgia de transgenitalização seria reivindicação de castração, no real do corpo, pode ser uma forma de dar à anatomia um lugar determinante na construção do psiquismo. O autor afirma que, em seu longo trabalho clínico com transexuais, não observou indícios de uma organização psicótica.

Santana (2015) diz que as estruturas clínicas, neurose ou psicose, estão postas para todos. Os conceitos de gênero e de sexuação, difundidos nas ciências sociais e na psicanálise, jogaram a pá de cal no biológico como signo de identidade sexual. Ser homem ou ser mulher é uma questão de posição assumida pelo ser falante. Com o entendimento de que nenhuma construção tipológica poderia designar ao sujeito um lugar preciso, seguimos na tentativa de pensar a transexualidade para além do patológico.

1.4 Pensando a transexualidade para além do patológico.

Atualmente, existe um movimento teórico, institucional e social que busca compreender a dinâmica da transexualidade por uma ótica distante de uma dimensão mórbida. Essa perspectiva se contrapõe aos diagnósticos descritos em manuais para categorização psiquiátrica e, algumas vertentes teóricas dentro do campo psicanalítico. Com o entendimento desse contraponto, é possível compreender que as relações entre normal, desviante, patologia e processo saúde-doença, se transformam ao longo dos tempos e, vinculam-se a modelos vigentes em uma determinada época.

Nesse caminho de construção para um entendimento despatologizante, é necessário que repensemos algumas terminologias. Ocilene Fernandes Barreto e Paulo Roberto Ceccarelli (2015) nos chamam a atenção para o modo de designar esses sujeitos, argumentam que devemos falar de transexualidades ao invés de transexualismo. A mudança do sufixo retrata um avanço importante, já que o “ismo”, assim como foi no caso do homossexualismo, possui uma conotação patológica. O sufixo “dade” poderia nos trazer uma idéia de “modo de ser”.

A campanha encabeçada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), a partir do ano de 2015, trouxe um aparato institucional para o processo de pensar a transexualidade como vivência não patológica. Nesse sentido, Emerson Raser (2015) afirma que a patologização, na verdade, é a negação da autonomia dos transexuais em dizerem o modo que preferem viver. Parece-nos, que a jaula que prende a transexualidade dentro de um cárcere patologizante, segue uma lógica heteronormativa, desconsiderando a pluralidade das possibilidades de ser um sujeito saudável.

O pensar contemporâneo dos estudos transgêneros, guarda-chuva onde se situa a experiência transexual, nasce sob a égide da despatologização da condição “trans”. Como afirma Lanz (2015), os estudos transgêneros partem corajosamente da premissa de que, ser uma pessoa transgênera, não significa ser portadora de um transtorno mental. Essa perspectiva rejeita absolutamente a condição de uma transexualidade mantida sob a tutela patologizante da medicina desde o final do século XIX e, conecta-se com os movimentos sociais das pessoas transgêneras.

Ceccarelli (2010) nos lembra que não estamos, necessariamente, imunizados diante de posições normativas que tendem a enquadrar as vicissitudes da pulsão em uma hegemonia discursiva. Essa realidade nos faz pensar que a teoria e

clínica psicanalítica, implícita ou explicitamente, fala de um projeto político e de uma visão de sociedade. Existe uma linha muito tênue, entre ser ou não, um instrumento a serviço de uma ordem normativa com efeitos repressivos, transformando singularidades em anomalias e atos espontâneos em desvios.

As pessoas transexuais padecem de um sofrer pelas inúmeras consequências sociais relacionadas à sua condição. Márcia Áran, Sérgio Zaindhaft e Daniela Murta (2008) apontam que, pacientes transexuais relatam intenso sofrimento psíquico vivido na forma de depressão e tentativas de suicídio. Os autores chamam atenção para o fato de que esses conflitos não estariam, necessariamente, vinculados à sensação de não pertencimento ao sexo biológico, nos convocando a pensar que, na transexualidade, existe um risco de patologização de um problema social.

A partir do momento em que a dinâmica psíquica transexual é teorizada e escutada como uma vicissitude pulsional “normal” estamos contribuindo para a erradicação de algumas mazelas, tais como nos aponta Lanz (2015): afastamento violento do convívio familiar, bullying na escola, discriminação no mercado de trabalho, gozação, escárnio e assassinatos. A autora afirma que pessoas transexuais são tratadas como marginais pela sociedade, pelo fato de serem consideradas transgressoras do dispositivo binário de gênero. Lembra-nos de que é a norma que cria a infração. Se a norma for extinta, deixa de haver infração.

Podemos imaginar que essa ótica se contrapõe à “função psicanalítica” de semear esperança e, auxiliar os sujeitos para o desenvolvimento rumo a um ser verdadeiro na sua condição humana. Neste sentido, Leticia Lanz, nos faz pensar em um novo conceito para transexualidade, ela diz:

Pessoa “trans” é aquela que está em permanente “trans-formação”, disposta a “trans-por” todos os obstáculos. É aquela pessoa que “trans-gride” regras e padrões de conduta, “trans-mitindo” à sociedade, de forma absolutamente “trans-parente”, novas ou inexploradas possibilidades de realização. Pessoa “trans” é aquela que “trans-cende” a si mesma, tentando expressar ao mundo a pessoa que ela realmente é, ao invés, da pessoa que o mundo acha que ela deveria ser (Lanz, como citada por Nery (2011, p. 303).

3 Considerações finais

Dialogar com a transexualidade é uma tarefa complexa, sobretudo quando se tem o objetivo de pensar essa experiência através de diferentes entendimentos. Diante de um fenômeno tão

plural, a variedade teórica se fez, invariavelmente, importante neste estudo. O esforço para conversar de forma ampla, se conecta com a emergência de uma maior inclinação para a escuta do fenômeno transexual na clínica psicanalítica. Pensemos então, na necessidade de distanciamento de uma universalização do fenômeno transexual, para refletirmos as singularidades presentes nas transexualidades.

Na caminhada por esse pequeno percurso teórico, porém frutífero e elucidativo, tivemos o contato com as teorizações de Robert Stoller, compreendemos brevemente as interfaces entre transexualidade e psicose, nos aproximamos de um pensar para além do patológico e percebemos as contribuições de Freud, mesmo que ele não tenha explorado a transexualidade como uma situação clínica estabelecida. Tentou-se amenizar a ausência de vinhetas clínicas, através das citações diretas dos autorrelatos de pessoas transexuais.

Algumas posições teóricas colocadas ao longo do artigo, em algum nível, questionam pensamentos vigentes no campo clínico e social. Tais questionamentos podem nos levar a pensar diversos movimentos no desenvolvimento da psicosexualidade.

O caminho feito durante o texto, que buscou responder a seguinte problemática, “quais os diferentes entendimentos diante da transexualidade no campo da clínica psicanalítica?”, mostrou-nos que podemos pensar que novas formas de subjetivação são produzidas em cada momento particular da história de nossa sociedade. Essa constatação tornou-se possível após o alcance de nosso objetivo, de dialogar com diferentes maneiras de pensar o fenômeno da transexualidade na clínica psicanalítica.

A leitura de distintas maneiras de pensar e viver a transexualidade, nos mostrou o caráter de não conclusão das pesquisas no âmbito da psicanálise. Conclusões podem ser prejudiciais e desfavoráveis. Como diz Lanz (2015, p.20), “conduzir estudos no território transgênero é como explorar uma costa com muitos arrecifes e bancos de areia: a navegação é sempre cheia de perigos... O território transgênero talvez não tenha nem ao menos se permitido cartografar de ‘corpo inteiro’...”

Referências

- Arán, M; Zaidhaft, S; & Murta, D. (2008). Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicologia & sociedade*. 20 (1), p. 70-79
- Barreto, O. F; & Ceccarelli, P.R. (2015). Entre o eu e o corpo... um estranho: reflexões sobre as transexualidades. *Reverso*. Belo Horizonte. Ano 37. n. 69, p. 113-120.

- Ceccarelli, P. R. (2013). *Transexualidades* (2ª Ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ceccarelli, P. R. (2010). A patologização da normalidade. *Estudos de Psicanálise*. Arajuá. n.33, p.125-136.
- Organização mundial de saúde. (2007). *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. CID-10*. (10ª Ed. rev.). São Paulo, Editora da universidade de São Paulo.
- Conselho Federal de Psicologia. (2015). *A despatologização das transexualidades e travestilidades pelo olhar da psicologia*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=xLugxnORfd0>.
- Cossi, R. K. (2010). Transexualismo e psicanálise: considerações para além da gramática fálica normativa. *A peste*. São Paulo. v.2, n.1, p. 199-223.
- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: artes médicas.
- Cunha, E. L. (2016). A psicanálise e o perigo trans (ou: por que psicanalistas têm medo de travestis?). *Periódicus*. V.1, n.5, p.7-22.
- Garcia, J. C. (2001). *Problemáticas da identidade sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guimarães, A. (2016). *Meu nome é Amanda*. Rio de Janeiro: Fábrica.
- Lanz, L. (2015). *O corpo da roupa: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Cruritiba: Transgente.
- Melo, R. Z. (2016). Quando o Édipo não é o destino: pensando o fenômeno transexual como possibilidade identificatória e de existência psíquica. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte. n.45, pag. 149-166.
- Nery, J. W. (2011). *Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: Leya.
- Person, E; & Ovesey, L. (1999). Teorias psicanalíticas da identidade de gênero. In: Ceccarelli, P.R (org), *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta.
- Rasera. E. (2015). In: Conselho Federal de Psicologia: *A despatologização das transexualidades e travestilidades pelo olhar da psicologia*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=xLugxnORfd0>
- Santana, V. L. V. (2015). A solidão do um: transexualidade e psicose. *Opção Lacaniana online*. Ano 6. n.17.
- Stoller, R. (1982). *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago.